

## **A didática do trauma: a semiótica nos lugares de memória<sup>1</sup>**

Marcia Cristina HERNÁNDEZ BRIONES<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### **Resumo**

O presente artigo relaciona a presença de elementos passíveis de análise sob as lentes da semiótica nos lugares de memória, valendo-se principalmente do conceito explorado por Umberto Eco, entre outros autores de referência. Destaca que o conjunto de símbolos e signos que compõe um lugar de memória sugere possíveis cruzamentos entre outros objetos de estudo dentro do tema desses sítios de consciência e meios de comunicação. O conjunto de simbolismos e significados, quando estudado pedagogicamente, contribui para a formatação do conceito “didática do trauma” e através dele e da educação para os direitos humanos, agrega à comunicação para a cidadania.

**Palavras-chave:** Comunicação para Cidadania; Didática do trauma; Semiótica; Lugares de memória.

### **Lugares de memória e a Didática do trauma**

Os lugares de memória concretizam-se como espaços importantes para as sociedades que viveram, no enfoque dado neste artigo, os eventos relacionados à crimes contra a humanidade, bem como para os que querem conhecer o passado em uma dinâmica diferente da apresentada por outros meios. Eles também resultam de recortes narrativos, fontes privilegiadas e pontos de vista sobre as ocorrências traumáticas do passado. Visitar um local de memória permite proporcionar ao visitante uma pausa no presente, algo que lhe autoriza refletir sobre o futuro compreendendo o passado.

Nora (2008) fala da era da comemoração. Quando se celebra um aniversário, se evoca a lembrança do dia do nascimento, do casamento. São rituais que marcam as passagens da vida do indivíduo na sociedade. Para esse autor, é impossível estar fora do radar comemorativo. A promoção da cultura da memória afirma que a lembrança dos fatos passados não é apenas uma imagem mental das testemunhas, mas um forte argumento para estabelecer a educação pessoal e social.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania, GP Comunicação para Cidadania, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na linha de pesquisa “práticas profissionais e processos sociopolíticos nas mídias e na comunicação das organizações” (2015). Especialista em Etnologia pela Université Paris Descartes. Bacharela em Relações Públicas pela PUCRS. É membro do Grupo de Estudos do Imaginário, Sociedade e Cultura (GEISC/PUCRS). E-mail: marcia.briones@acad.pucrs.br

A memória histórica explica a criação de lugares de memória cujo objetivo é a recordação e através dela a educação.

Como forma de reconstruir a memória das vítimas, os lugares de memória mantêm uma maneira de contar a história valendo-se de detalhes mais sutis, já que, ao tratar da didática do trauma, um lugar que já testemunhou atrocidades precisa demonstrar cautela e respeito para com o assunto, a fim de não causar rejeição ao tema.

Para Pollak (1992, p. 1), os *lieux de mémoire* consistem em uma estrutura educativa que faz vínculos entre o lugar de memória, sua atmosfera e a memória sociopolítica. O autor alerta para problemas dessa ligação, a existente entre a abordagem histórica e a identidade social. A memória é seletiva, diz ele, e as captações das memórias individuais e coletivas, através da história oral, possuem limitações quanto à sua interpretação.

Um lugar de memória existe no mesmo sítio geográfico onde outrora ocorreu um evento significativo para a história da sociedade. A adaptação do espaço normalmente recebe uma estrutura pedagógica que visa homenagear e educar, também conhecidos como memoriais. Nora (1993) enfatiza que a denominação do lugar de memória, entre as diversas estruturas catalogadas hoje pela museologia, está na associação da memória e da história, e isso constitui sua identidade.

Para isso, esses territórios devem possuir uma “vontade de memória” e demonstrar, na sua origem, um propósito memorialista que garanta sua identidade, o que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobre determinação recíproca (NORA, 1993 *apud* OLIVEIRA, M., 2012, p. 192).

Existe uma diferença entre um memorial e um lugar de memória, como explicita o mesmo autor: a aspiração e a intenção da lembrança do lugar de memória devem partir de sua origem. Se o lugar de memória não é desenvolvido e adaptado como memorial para o fim pedagógico, dotado de uma estrutura didática, ele nada mais será que uma estrutura de concreto, ou um terreno bruto, mas terá sim sua aura simbólica. Sempre que a ideia da lembrança for plena, estará se falando de um lugar de memória. Ou seja, se a referência for um campo de concentração, ele é um lugar de memória. Se falarmos de um museu de memória, ele é um *espaço* de memória. Portanto, para constituir um lugar de memória como memorial, considerando seu contexto histórico, é preciso contar com os devidos recursos museológicos. A coleta de depoimentos dos envolvidos é essencial para a reconstrução da

memória e conhecimento dos fatos. Na prática, esses testemunhos, são fundamentais para revelar os detalhes dos acontecimentos e até mesmo identificar os envolvidos em crimes ocorridos nesses lugares e reivindicar à justiça a penalização destes – o que aconteceu em comissões nacionais da verdade em vários países. Esse processo de materialização da memória é chamado de memorialização. Um memorial construído em um lugar de memória tem seu conteúdo essencialmente desenvolvido e adaptado a partir desses depoimentos de sobreviventes. O visitante estará em contato com um relato concretizado do evento traumático a partir do ponto de vista dos envolvidos. Assim, as mentes do visitante e dos depoentes estarão relacionadas através do meio de comunicação, neste caso, o museu de sítio. "McLuhan (1967) teve a ideia de que a tecnologia de comunicação é como uma extensão de nossos órgãos dos sentidos, mas, em sua teoria, esta ideia foi amarrada a outras mais problemáticas" (TÆKKE, 2003, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Huysen (1997) alerta que “onde o meio é a mensagem e a mensagem é uma imagem fugaz na tela, o real continuará sempre e inevitavelmente bloqueado” (p. 250). Entende-se que se o meio – os lugares de memória – precisa do dinamismo da sua exposição para manter-se atrativo para o público, e assim propiciar continuamente informações para a conscientização a respeito dos fatos passados. O bloqueio mencionado pelo autor é a impossibilidade da atualização. Daí a importância de voltar o olhar aos meios, e, no contexto dos sítios de consciência, pensar e repensar o lugar de memória constantemente para evitar a cultura da amnésia.

O conjunto de materiais que compõe um lugar de memória - a reconstrução dos espaços, a exposição dos pertences pessoais, a reprodução da maquete do lugar na época - vem tanto do produto da memória individual como da memória coletiva. Halbwachs (1950) apresenta a diferença entre “memória histórica”, como a que reconstrói os dados do presente projetados sobre o passado reinventado, e a “memória coletiva”, a que recompõe o passado.

Maurice Halbwachs considera que a memória coletiva é um conjunto de lembranças ativadas pelo filtro do presente. Elas constituem um patrimônio que, vivenciado por um grupo de pessoas, se atualiza no momento de cada rememoração (ORTIZ, 1998, p. 189).

Para Antônio Damasio (CORDOVIL, 1999), chefe do departamento de neurologia da Universidade de Iowa, "a memória não é uma espécie de arquivo com fichas que podem ser

---

<sup>3</sup> McLuhan (1967) had the idea that communication technology is like an extension of our sense organs, but in his theory this idea was tied to other more problematic ideas (TÆKKE, 2003).

consultadas a qualquer momento. Toda vez que evocamos uma recordação, corremos o risco de introduzir fatos novos no acontecimento original". Portanto, um mesmo evento histórico pode ser lembrado de diferentes formas em diversas ocasiões pelo depoente, trazendo mais ou menos detalhes. Um relato de um evento traumático pode se resumir a uma frase ou ser descrito em muitas páginas. O eixo principal da lembrança, o fato em si, se mantém, mas, ao relatar, o indivíduo pode ser influenciado por emoção, clima ou disposição, entre outros aspectos, que são algumas das variáveis que podem enriquecer ou não o depoimento da testemunha. A chegada do passado através das lembranças de cada indivíduo constrói uma rememoração. Assim, o fato pode ser recontado de diversas formas por outros indivíduos, ainda que estejam em um mesmo grupo de pessoas:

(...) o depoimento da testemunha só tem sentido em relação a um grupo do qual esta faz parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum e, através desse evento, depende do contexto de referência no qual atualmente sua duração se localiza no ponto de encontro de duas séries diferentes e às vezes divergentes: a que liga aos aspectos vivos e materiais da lembrança, a que reconstrói o que é apenas passado (HALBWACHS, 1950, p. 12).

O registro de um acontecimento passado em uma sociedade, onde cada indivíduo tem suas lembranças, é também o que trata a memória coletiva. Essas informações sobre o ocorrido, ainda presentes na memória do depoente, são rememoradas de forma particular por cada um, conforme suas referências cronológicas e seu contexto emocional. Para Halbwachs (1950), cada depoimento endossa o outro por trazer detalhes específicos, através da lembrança de cada indivíduo, os quais se conectam em pontos de referência.

A lembrança, para Halbwachs, é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento, na medida em que porta o "sentimento do já visto". É reconstrução, principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289).

A composição resultante dos depoimentos de testemunhas, seja um texto, seja um memorial, é uma materialização do relato, uma forma de registrar as lembranças para a posterioridade.

Em termos dinâmicos, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo, na medida em que necessita de uma comunidade afetiva, forjada no "entreter-se internamente com pessoas" característico das relações nos grupos de referência. Esta comunidade afetiva é o que permite atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289).

A afirmativa de que a lembrança individual vem de um processo coletivo é a validação do pensamento de que a memória, ainda que vista de forma individualizada, evoca a coletividade e precisa dela quando trata do pertencimento a um grupo. Ricœur (2000) comenta a obra de Halbwachs (1950), *A Memória Coletiva*, a respeito da individualidade e da coletividade da memória:

(...) o passo dado em *A Memória Coletiva* consiste em desimplicar a referência à memória coletiva do próprio trabalho da memória pessoal, enquanto se recorda de suas lembranças (...), mas é preciso dizer primeiro que é a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma (p. 130).

O vigor das lembranças apresentadas pelos indivíduos pode mostrar que a memória mantém um grupo de referência que, ao ser expresso, dá consistência ao que é lembrado – “grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e con-fundiu seu passado” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288). A violência gerada nesses eventos causa um estresse pós-traumático transgeracional, como se a memória e o sentimento de fato fossem herdados geneticamente.

Junto à memorização, está presente a emoção, que, para a psicologia coletiva, é algo inerente à lembrança.

Somente a psicologia coletiva é capaz de mostrar como motivações, aspirações, estados emocionais e sensações reflexivas estão conectadas a representações coletivas armazenadas na memória, que é o foco das mais elevadas capacidades mentais (MARCEL; MUCCHIELLI, 2008, p. 141, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Cada grupo social acaba desenvolvendo uma memória comum e cria uma memória coletiva que se estabelece na consciência individual através da cultura, doutrinação e educação.

---

<sup>4</sup> Only collective psychology is able to show how motives, aspirations, emotional states, and reflective sensations are connected to collective representations stored in the memory, which is the focal point of the higher faculties of the mind (MARCEL; MUCCHIELLI, 2008, p. 141).

## Semiótica e consciência

A complexidade de um lugar de memória envolve muito mais do que oferecer ao visitante o contato com a estrutura física que transcendeu os anos desde o evento traumático.

A relevância da semiótica para os lugares de memória se deve ao reconhecimento desta como uma teoria geral dos signos, assim como o estudo da significação e o sentido de certos contextos e fenômenos de comunicação (KARAM, 2001). Onde há produção e interpretação de signos a semiótica pode auxiliar a vislumbrar novas teorias. No caso dos lugares de memória, a transcodificação, presente na passagem de informação de um código contido em um signo para outro, está intencionalmente ligado ao ser humano por decorrência do seu senso cognitivo emocional, já que o conecta diretamente a eventos traumáticos do passado.

Essa conexão ocorre por haver um código comum entre esses elementos, que pode transcender culturas. Para Eco (1994),

Ao expor essa exigência, passamos a outro ponto de vista classificatório: o signo não é somente um elemento que entra no processo de *comunicação* (posso também transmitir e comunicar uma série de sons sem significado), mas que é uma entidade que é parte do processo de *significação* (p. 22).

Ou seja, não é possível estudar o signo fora do processo de comunicação. Eco (1994) conduz a reflexão a respeito dos signos por si mesmos, sem priorizar o código, promovendo uma semiótica de recepção. Nos lugares de memória reconstruídos para conscientizar a sociedade, a semiótica forma um elo concreto entre a comunicação e a museologia.

Se a semiótica não é somente a ciência dos signos reconhecidos como tais, ela pode ser considerada também como a ciência que estuda *todos* os fenômenos culturais *como se* fossem sistemas de signos - partindo da hipótese de que na realidade todos os fenômenos culturais são sistemas de signos, ou seja, que a cultura essencialmente é *comunicação* - um dos setores em que a semiótica encontra maiores dificuldades pela intenção da realidade que pretende captar, que é a arquitetura (ECO, 1986, p. 252).

De acordo com Eco (1986), a semiótica relaciona-se com os fenômenos culturais a partir de suas significações, dada a comunicação como mediadora dessa transcrição. A abordagem conferida pelo mesmo autor à arquitetura envolve os processos e produtos estruturais, tais quais os lugares de memória. As estruturas demandam comunicação durante essa

decodificação, pois “em aparência, os objetos arquitetônicos não *comunicam* (ou ao menos não foram projetados para comunicar), mas eles *funcionam*” (ECO, 1986, p. 252).

A confirmação da relação da semiótica com os lugares de memória se deve ao fato de que “o exame fenomenológico das nossas relações com o objeto arquitetônico nos indica que geralmente apreciamos a arquitetura *como um ato de comunicação*, sem excluir a sua funcionalidade” (ECO, 1986, p. 253). Portanto, toda estruturação apresentada em um lugar de memória pressupõe uma significação, que pode ser eventualmente diferente da função exercida por algum dos signos em outro contexto.

A fim de ilustrar este trabalho, de complementar a pesquisa teórica e a pesquisa documental, a seguir serão apresentados exemplos de lugares de memória. Ao delimitar a escolha dos que foram aqui incluídos, foram selecionados, dentre os investigados pela autora, aqueles que melhor compunham um conjunto de signos comuns.

### **Londres 38 Espacio de Memorias**

A história deste lugar de memória começa em setembro de 1973, com o golpe militar chileno. O centro de repressão e extermínio funcionou de setembro de 1973 a setembro de 1974. Conhecido no jargão militar como *Cuartel Yucatán*, este centro de detenção foi o primeiro elo de uma cadeia de recintos de detenção na Região Metropolitana de Santiago, que incluiu outros três centros clandestinos. Ele foi usado pela *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA) em sua ofensiva repressiva contra o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) e outras organizações da esquerda chilena, como, mais tarde, o Partido Socialista (PS) e o Partido Comunista (PC).

O *Londres 38 Espacio de Memorias* foi construído através da análise de testemunhos, fotografias e dados sobre o imóvel, permitindo a identificação do lugar através dos elementos específicos do lugar de memória. Dada a importância e a repetição nos depoimentos, podemos verificar que duas características são fundamentais, e notoriamente relacionadas com a semiótica:

1. Os azulejos pretos e brancos, localizados na entrada da propriedade são recorrentes nos testemunhos de sobreviventes: "Y a través de la cinta adhesiva en los ojos pudo ver las baldosas blanco y negro y un mesón a la entrada donde mujeres jóvenes hacían preguntas de rigor".

2. O número “38” foi substituído pelo número 40, em uma tentativa de dissimulação e de esquecimento.

Através da recuperação desses elementos e da combinação de vários tipos de suportes de memória articulados pela arquitetura e pelo espaço urbano, em Londres 38, foi definido um trajeto que passa por três intervenções gerais:

1. A colonização do espaço público. Isto é verificado no pavimento da *Calle Londres*, a partir de *Alameda* até o imóvel, e de lá para *Calle Paris*, através da inserção de placas de mármore branco e placas de granito preto, no meio dos paralelepípedos na rua. Essa intervenção faz alusão aos azulejos pretos e brancos, e, ao mesmo tempo, obriga a fixação do olhar para o chão, gesto que o detento era obrigado a realizar por causa da venda sobre os olhos, fato que se repetiu em outros centros de tortura.

Figura 1 – Paralelepípedos com velas em homenagem no 11 de setembro, data do golpe



Fonte: LONDRES 38 ESPACIO DE MEMORIAS.

2. A designação do local: Na calçada em frente de Londres 38 estão 94 placas de ferro fundido, com as gravações dos nomes das pessoas assassinadas ou detidas desaparecidas que passaram por ali, incluindo idade e militância nos casos em que é possível identificar.

3. O nome do lugar: Como uma maneira de devolver a identidade que foi apagada da casa sem excluir a tentativa de ocultação, sobre o número 40, será instalado o número 38 original. O projeto inclui a manutenção da fachada com ambos os números como uma forma de mostrar a tentativa de ocultamento.

### **Villa Grimaldi**

Segundo a equipe laboral e confirmado pela construção didática do lugar, Villa Grimaldi é um “lugar marcado”. O projeto do desenho do parque está cercado por elementos de



arquitetura simbólica, comuns a outros espaços de memória. A proposta em vigor em Villa Grimaldi contempla a água, o fogo e o ar. Ao observar a planta do parque, ou até mesmo em uma vista aérea, é possível identificar esse “X” que marca o lugar. A rota que liga o antigo portão até *La Torre* (linha ilustrativa na cor violeta, figura 2) é chamada de “caminho da morte”: por ali entravam os detidos até terem seu fim decretado em *La Torre*. Já a rota que vai do novo portão até o *Muro de los nombres* (linha ilustrativa na cor verde, figura 2), é chamada de “caminho da vida”. Outra simbolização do “X” é a marca ao lugar com o *Nunca más*.

Figura 2 – Essência do projeto: um lugar marcado



Fonte: A autora (2015).

No encontro desses dois caminhos que se cruzam e que atravessam todo o Parque existe uma fonte (figura 3), que evoca a purificação do lugar pela água.

Figura 3 – Fonte central



Fonte: A autora (2015).

Essa fonte e todas as outras interferências artísticas no parque são feitas com a técnica de mosaico, muitas vezes com azulejos e escombros dos próprios restos de materiais que ali foram encontrados em 1994, quando o lugar teve sua recuperação iniciada. É importante observar a significação da técnica para o parque. A analogia feita pelos educadores é que tal qual a história do lugar, o parque foi (re)construído por fragmentos de memória, ou seja, os mosaicos.

Para completar esses elementos, foi desenvolvida uma escultura em forma de chama na frente do antigo portão de acesso, como forma de simbolizar o que era a entrada do lugar para os sequestrados: algo quase insuportável, resistente e que fazia resistir, que deixaria marcas, mas que algum dia iria terminar. Uma maquete foi construída com o apoio fundamental dos testemunhos dos sobreviventes.

As placas de sinalização estão geralmente posicionadas no chão, e isso tem uma significação. Como os militantes que lá foram presos e torturados durante a ditadura militar eram privados de seus sentidos, como a visão, o pouco que eles conseguiam ver enquanto circulavam pelo *cuartel*, sempre amarrados e acompanhados pelos agentes, era o chão.

Assim como para os prisioneiros, a visita ao *Parque por la Paz* propicia aos visitantes uma experiência sensorial, que gera reflexão e mantém viva, durante todo o trajeto, a lembrança e o respeito aos que ali estiveram detidos. Em geral, como o parque possui amplas áreas verdes, com flores e pássaros, o aroma e o som intervêm na experiência da visita; além disso, há os caminhos com pedregulhos, que fazem lembrar o som gerado pelos passos e veículos que por ali transitavam.

### **Memorial da Resistência de São Paulo**

O Memorial da Resistência de São Paulo é uma instituição dedicada à preservação da memória da resistência e da repressão política do Brasil republicano (1889 à atualidade). Ele utiliza parte do edifício que foi sede, durante o período de 1940 a 1983, do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo – Deops/SP. O Memorial da Resistência é vinculado à Pinacoteca do Estado de São Paulo. É um museu público e sem fins lucrativos. Desde 2005, ele é administrado pela Associação Pinacoteca Arte e Cultura. No espaço hoje chamado de “Memorial da Liberdade” há quatro celas vazias e um corredor que permitia os prisioneiros para apanhar sol. “Cada uma das celas é um anti-lugar, uma

referência permanente à memória dos mortos e desaparecidos políticos” (BRUNO, 2009, p. 42).

Figura 4 – Cela no Memorial da Resistência



Fonte: A autora (2014).

Entre os pontos comuns observados entre este e outros lugares de memória, estão a inserção de flores (cravos), de uma maquete que simula a distribuição da planta na época, uma linha do tempo e a iluminação mais suave, bem como o silêncio e, por vezes, ausência de elementos, dando lugar a um espaço vazio que convida à reflexão.

### **Memorial to the Murdered Jews of Europe**

O Memorial aos Judeus Mortos da Europa, também conhecido por Memorial do Holocausto, é um espaço em Berlim dedicado às vítimas judias do Holocausto. Consiste em uma área de 19.000m<sup>2</sup> coberta com 2.711 blocos de concreto, parecendo com um campo ondulado de pedras. De acordo com o projeto, os blocos são desenhados para produzir uma intranquilidade, um clima de confusão, e a escultura ajuda a representar um sistema supostamente ordenado, mas que perdeu o contato com a razão humana.

São analogias artísticas que remetem aos fatos traumáticos com os quais se relacionam desde que a sensibilidade do visitante permita desenvolver essa e outras interpretações. Um anexo subterrâneo chamado de "Local de Informação" guarda os nomes de todas as vítimas judias conhecidas do Holocausto. A construção do memorial teve início em 1º de abril de

2003 e foi concluída em 15 de dezembro de 2004. Foi inaugurado em 10 de maio de 2005 e aberto ao público em 12 de maio do mesmo ano.

Figura 5 – *Memorial to the Murdered Jews of Europe*



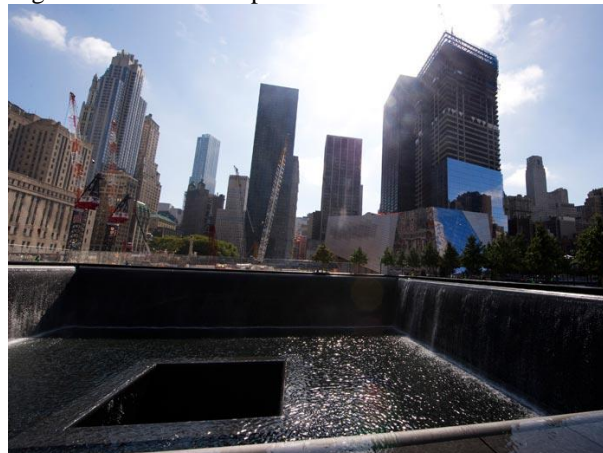
Fonte: A autora (2012).

Os recursos similares a outros sítios de consciência são o uso massivo do concreto, o paradoxo entre vazio e o repleto, além da área dedicada ao exercício didático e histórico do holocausto, apresentado através de vídeos contendo depoimentos, de objetos e de espaços dinâmicos.

### **National September 11 Memorial & Museum**

O memorial foi construído em homenagem as vítimas do 11 de setembro de 2001, evento que causou impacto a toda a população mundial pois existia uma ilusão de que a maior potência do mundo, os Estados Unidos, jamais seriam atingidos por algum perigo.

Figura 6 – National September 11 Memorial & Museum



Fonte: Site National September 11 Memorial & Museum

Foi o caso dos sequestros dos aviões pelo grupo fundamentalista islâmico Al-Qaeda que foram conduzidos contra as Torres Gêmeas do complexo empresarial do World Trade Center, na cidade de Nova Iorque, matando quase três mil pessoas, incluindo os 227 civis e os 19 sequestradores a bordo dos aviões.

Após esse evento, foi declarada uma guerra ao terrorismo. O memorial foi inaugurado no dia 11 de setembro de 2011 e o museu foi aberto ao público em 2012. O lugar de memória reúne os elementos de purificação, como a água, o vazio – por não haver substituição para a perda de tantas vidas -, as placas com os nomes das vítimas e a exposição de pertences pessoais dos mesmos, como uma forma de promoção da memória coletiva.

### **Comunicação para a cidadania**

Ao contribuir com a pesquisa em comunicação social, a semiótica permite analisar os processos de significação de signos e símbolos dos lugares de memória, que são um fenômeno coletivo contemporâneo do sentido e da conscientização. É interessante observar a relação etimológica da palavra semiótica (semear) com a conscientização. Esse fato adequa essa estruturação com os lugares de memória.

Um determinado lugar que não sediou um evento traumático não configura um lugar de memória, é apenas uma estrutura qualquer. Os eventos que por ventura ali ocorreram e atentaram contra os direitos humanos explicam o porquê de um lugar ser significativo. A construção ou os escombros abrigam sua história, e as testemunhas e sobreviventes detêm a memória. O trabalho de musealização desse espaço recorre às possíveis reconstruções para recriar um espaço dedicado à luta a favor dos direitos humanos. Entre alguns crimes resultantes de eventos traumáticos, estão os genocídios, crimes de guerra, tortura, execuções extrajudiciais e desaparecimentos forçados.

A memória do fascismo, hoje em dia, é a memória do Holocausto como o evento-chave do século XX. A memória do Holocausto deu força ao que veio a ser uma cultura da memória transnacional, durante os anos 90, em países como a Argentina e a África do Sul, que fizeram dolorosas transições da ditadura e o estado de terror à democracia. Isso, também, reforçou projetos de direitos humanos por todo o mundo (MOREIRA; MORENO, 2011, p. 329).

Não são somente os fatos passados que compõe o repertório das violações contra a humanidade. Enquanto parte do mundo volta os olhos para o passado, o presente abriga cotidianamente sérios atentados contra os direitos humanos.

O tratamento de um lugar de memória como um meio de comunicação demandou, neste estudo, uma investigação em conjunto com os principais alicerces que fomentam hoje a consciência nas sociedades democráticas, como a memória e os direitos humanos.

O estudo realizado neste artigo baseou-se no objetivo pedagógico de um lugar de memória, que é informar e educar as novas gerações sobre os crimes contra a humanidade. A estrutura deste trabalho visou o entendimento de uma relação sistêmica entre comunicação, memória e direitos humanos, enquanto perspectiva da cidadania.

### Referências bibliográficas

- BRUNO, M. C. O; CARNEIRO, M. L. T.; AIDAR, G. Projeto Museológico de Ocupação. In: **Memorial da Resistência de São Paulo**. Textos, concepção e coordenação geral Marcelo Mattos Araújo e Maria Cristina Oliveira Bruno; textos de Katia Filipini Neves... et al. São Paulo: Pinacoteca do Estado: 2009.
- CORDOVIL, Cláudio. A cultura da memória. *Jornal do Brasil*. 01 jun. 1999.
- ECO, Umberto. **Signo**. Editorial Labor: Colombia, 1994.
- \_\_\_\_\_. 1974. **La estructura ausente**. Introducción a la semiótica. Editorial Lumen: España, 1986.
- HALBWACHS, Maurice. 1950. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, c2009.
- HUYSEN, Andreas. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- KARAM, Tanius. **Portal de la Comunicación InCom-UAB**: El portal de los estudios de comunicación, 2001-2011. Institut de la Comunicación (InCom-UAB). Edificio N. Campus UAB. 08193 Cerdanyola del Vallès (Barcelona).
- MARCEL, Jean-Christophe; MUCCHIELLI, Laurent. Maurice Halbwachs's mémoire collective. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Orgs.). **Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook**. Walter de Gruyter: Berlin; New York, 2008.
- MCLUHAN, Marshall. **The medium is the message: an inventory of effects**. New York: Batam Books, 1967.
- MOREIRA, Sonia Virginia; MORENO, Carlos Alexandre de Carvalho. Andréas Huyssen: Mídia e discursos da memória. In: MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. de (Orgs.). **Vozes da democratização e cidadania: a polêmica global-local**. (Coleção memórias; v. 4). São Paulo: INTERCOM, 2011.
- NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les Lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.

\_\_\_\_\_. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n.10, p.07-28, dez.1993.

OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. 1978. **Intervenções urbanas e representações do centro da cidade de Campinas/SP:** convergências e divergências. Orientador: Maria Tereza Duarte Paes. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP: 2012.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-212. Rio de Janeiro, 1992.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** 2000. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. H. **Memória coletiva e experiência.** Revista de Psicologia da USP, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 125-289, 1993. Instituto de Psicologia.

TÆKKE, Jesper. **Medium Theory and Social Systems.** 7 Annual Conference of the International Society of Systems Science July in Crete / CCC Luhmann conference in Copenhagen May 2003. Crete, Greece, 2003.